

LEITORES E LEITURAS DOS JORNALIS DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO

BARBOSA, Marialva

Pós-Doutorado pela Centre National des Recherches Scientifiques, CNRS, França; Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil; Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil.

RESUMO

É possível usando apenas textos recuperar a forma como se lia e o que lia o leitor do passado? Como fazer estudos de recepção de leitores que há muito se transformaram em poeira do tempo? A metodologia indicada pela crítica literária e pela teoria da literatura fornece as chaves necessárias para se realizar estudos recepções da mídia, não só atual, como do passado. A pesquisa realizada com leitores dos jornais diários do Rio de Janeiro do início do século é apenas um exemplo de que apagar esse silêncio é possível.

Palavras-chave: Estudo de Recepção. Imprensa. Leitura.

1 INTRODUÇÃO

Casa de Detenção do Distrito Federal Sr. Douto Coelho Neto. Sou um condenado quem lhe escreve, e para isto enchime de coragem. Encontro-me condenado a vinte e poucos mezes de prisão já tendo cumprido a metade da pena (...). Encho-me agora de coragem. Aos domingos compro como enorme dificuldade o jornal do Brasil, e sito grande resignação com o soffrimento quando lheiro os vossos artigos dominicaes. Não tenho dinheiro para comprar uma obra de vossa autoria oh sabio, humilho-me em pedir-vos que por graça me conceda a suprema ventura de possuir um livro de sua autoria"(1)(Grifo nosso) .

A carta assinada pelo detento Hidelbrando Mello Pedra e parte do arquivo pessoal de Coelho Neto se, ao mesmo tempo, não serve a conclusões genéricas sobre o público, conduz a uma reflexão profunda sobre a descoberta desse leitor anônimo que, muitas vezes, com sacrifício compra o mais popular jornal de então - o Jornal do Brasil - não apenas para estar em contato com as informações do mundo, mas para através de textos encontrar significações extremamente particulares.

Quando o leitor, através da leitura, se apropria do texto, na verdade, escreve um outro texto em sua cabeça, quando a levanta, olha ao redor ou faz um comentário sobre aquela leitura. O texto, como diz Roland Barthes, é sobretudo uma leitura. O leitor escreve o impresso no momento em que se apropria da narrativa. Para Barthes não se reconstitui o leitor, mas a leitura.(2)

Usando uma lógica simbólica que associa o texto a outras idéias, imagens e significações, produz um suplemento de sentidos que foge aos limites estreitos das significações possíveis encontradas naquele impresso.

Reconstruir essa leitura, é, sobretudo, apreender a lógica da narrativa - de forma simbólica - num espaço cultural onde o leitor se insere. Remontando essas formas de

apreensão do texto num espaço social demarcado e as formas simbólicas de sua apropriação estaremos reconstruindo a leitura.

A leitura, como enfatiza Robert Darnton, não é uma habilidade, mas uma maneira de criar significados, que varia de cultura para cultura. Ao ler, estabelece-se uma relação direta do corpo com os signos do texto, para além da memória e da consciência, e com todas as linguagens que atravessam esse texto e que formam as frases em sua profundidade .(3)

A pergunta que se faz, portanto, não é somente quem lê os jornais, mas sobretudo como Hidelbrando Mello Pedra e outros leitores, anônimos, lêem e o que entendem dos sinais impressos naquelas páginas. O que buscam nesses periódicos, como se reapropriam daquelas mensagens e que significações passam a ter após serem modificadas no momento mesmo da leitura?

A carta de Hidelbrando não é constatação isolada. As memórias, romances, contos e crônicas são ricos em indicações que possibilitam o mapeamento desse leitor de outrora.

Não apenas os ricos industriais, os fazendeiros, os políticos - público tradicional do *Jornal do Commercio* - mas os trabalhadores, empregados do comércio, ambulantes, vendedores, militares de baixa patente, funcionários públicos, mulheres, presidiários, leitores habituais ou esporádicos dos jornais que se auto-denominam populares.

Aparecendo quase sempre como obrigação matinal, o jornal é descrito como leitura habitual nos bondes, nos trens, num umbral de uma porta à beira de uma calçada, compondo as horas livres do dia . "Tomamos um trem. Era um dos de Petrópolis. Ia cheio dos tais de que me falava a pouco Gonzaga. Compramos primeira classe para Bom Sucesso, mas passamos logo para a segunda. O meu amigo adquiriu um jornal e pôs-se a ler"(4) .

Pela manhã, há sempre alguém lendo um jornal. Não apenas os cultos, como Gonzaga de Sá, mas também os trabalhadores aparecem com esses matutinos à mão.

"Às 5 horas da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos (...). Para o cais da alfândega, ao lado, um grupo de ociosos olhava através das frinchas de um tapume, rindo a perder; um carregador, encostado nos umbrais de uma porta, lia, de óculos, o jornal, (grifo nosso) e todos gritavam, falavam, riam, agitavam-se na frialdade daquele acordar" . (5)

Na descrição de João do Rio da alvorada em um cais, como que interrompendo a cadência da narrativa, isolando-se em um canto, no meio daquele burburinho, surge um trabalhador da estiva, que, alheio aos gritos, aos risos e à agitação daquele

amanhecer, refugia-se na leitura de um matutino. Seria exagero atribuir o óculos, à freqüência com que, sob a luz ainda fraca do amanhecer, faz esse tipo de leitura?

As repetidas referências à leitura nos transportes coletivos faz supor um hábito comum, como também o de ler em voz alta, após o jantar, em torno da família, ou no trabalho, nas poucas horas vagas. O jornal não é exclusivo de um leitor isolado, mas calcula-se nos mapas de circulação das publicações que um mesmo impresso é "lido" por até quatro pessoas.

Elmano Cardim, numa conferência realizada por ocasião do sesquicentenário do Jornal do Comércio, faz menção à oralidade como forma de apreensão do conteúdo desses diários. Ressaltando a dificuldade de se ampliar o público em função das altas taxas de analfabetismo, acrescenta que no início do século este amplia-se consideravelmente, graças aos "fenômenos da oralidade". Refere-se, ainda, ao hábito de "senhoras lerem em voz alta um romance folhetinesco para o entretenimento e a exaltação sentimental de um público caseiro predominantemente composto de mulheres" . (6)

A leitura, em voz alta, em torno da família e amigos, no ambiente da casa ou, silenciosamente, no trajeto de casa para o trabalho e vice e versa, nos bondes, nos trens, ao ar livre, e das duas formas, no ambiente privado do trabalho, nas horas vagas do dia, coloca em evidência uma sociabilidade particular. Muitos sabem ler, sem saber escrever. Outros não sabem ler, nem escrever mas tomam contato com os sinais impressos naquelas páginas.

Os jornais têm, seguramente, mais ouvintes do que leitores e são, certamente, mais ouvidos e vistos do que lidos.

O tipo de leitura, coletiva, permite também supor uma apropriação de textos peculiar. Comentados, a partir de uma experiência coletiva e não individual, sofrem reelaborações não de segunda, mas terceira, de quarta, de quinta ordem. A mensagem suscita dúvidas, comentários, discussões, controvérsias, favorecendo a apreensões de sentidos distintos e diferenciados. Traz, também, emoção.

Apresentado de forma normalmente polêmica, causa outras polêmicas no momento de sua leitura. O público gostaria, muitas vezes, de um outro tipo de desfecho da trama ou uma crítica diferenciada. Se algumas vezes concorda com o que é veiculado, outras acrescenta um comentário explícito ou um discordar contundente àquilo que foi divulgado pelo jornal.

Buscando conquistar também leitores eventuais, os jornais podem se valer de qualquer tipo de expediente. A seção de venda avulsa fiscaliza, diariamente, através de um mapa parcial e total de venda de exemplares, o aumento da circulação em

determinada área, em função de um evento particular ou de uma notícia retumbante, muitas vezes construída e que será, posteriormente, duramente criticada pelo próprio leitor.

As estratégias dos periódicos para buscar esse leitor eventual se multiplicam, principalmente no sentido transformá-lo em assíduo. A introdução de colunas específicas, voltadas para o mundo do trabalho, em periódicos como O Paiz, ou a ampliação de temas destinados às mulheres e às crianças, no Correio da Manhã, O Paiz, Gazeta de Notícias e Jornal do Brasil, também fazem parte dessa estratégia.

A mulher é uma parcela importante do público e para ela é necessário temas diferenciados.

"Começava ela a ler o popular órgão carioca pelas notas sociais. A seção de mundanismo, naquele tempo, abrangia do aniversário ao obituário, informando tudo sobre nascimentos, casamentos, festas, bailes, recepções, falecimentos e missas. Minha mãe explicava o seu interesse pela vida social como um dos meios pelos quais volta e meia tinha notícia de amigas da sua geração que se dispersaram depois que contraíram casamentos".

O jornal é, para ela, a possibilidade de inserção num mundo distante, de recuperação de um tempo passado que se torna presente pela identificação de personagens conhecidos nas descrições ou nas indicações esparsas fornecidas pelo periódico.

"Certa manhã eu a surpreendi com o jornal aberto nas mãos e lágrimas saltando-lhes dos olhos, que nunca lhe faltaram com a visão perfeita até morrer aos setenta e nove anos.

- Morreu Sinházinha Berquó! Exclamou com a voz meio velada pelo choque emocional"(7) .

Colocando-a em contato com a realidade, mas também com a fantasia, o Jornal do Brasil faz parte de seu cotidiano. Seja nas sociais ou nos folhetins, as reações provocadas pela leitura são sobretudo emocionais.

As referências a esse público são freqüentes, bem como as evidências que saltam das próprias publicações. Afora o folhetim, criam colunas de modas, de entretenimento, concursos femininos, destinam-lhes artigos e enquetes. Como resposta as cartas das leitoras inundam as publicações.

Em 1906, O Paiz promove uma série de concursos destinados especialmente às "moças", publicando pensamentos enviados e dando aos melhores, como prêmio, um "cordão de ouro com medalha, uma rica ombrella e um belíssimo leque". Na mesma edição como resposta ao "plebiscito", para responder "como devia ser educada a

mulher?", recebem "várias cartas", inclusive algumas de "leitoras assíduas do jornal" .
(8)

Mas a sua estratégia mercadológica para atingir o público feminino não pára aí: abrem a cada mês novos concursos, alguns com temas bem ao espírito da época, como o que estampam na página 7, da edição de 8 de abril de 1906 : "Como deve ser o vosso noivo?".

Mesmo periódicos mais tradicionais, como o Jornal do Commercio, destina parte de seu conteúdo a esse público, ainda que restrito no caso de O Paiz e do jornal de José Carlos Rodrigues às mulheres dos grupos dominantes.

Nas suas memórias, também Rubem Braga se refere às lembranças de sua infância, quando em sua casa, tanto seu pai, como sua mãe liam habitualmente o Jornal do Commercio.

"Mãe lia esse folhetim, e eu era encarregado de recortá-lo; às vezes também lia um capítulo ou outro".

No seu depoimento, recorda não apenas o hábito de sua mãe ler o folhetim, mas as emoções que lhe possibilitam esse tipo de leitura.

"Lembro-me de que mãe se queixava de que a heroína do folhetim não tinha sorte, quando as coisas da sua vida ia se arrumando e a felicidade começava a sorrir, lá vinha outra desgraça(...) e era um desespero, tudo desandava. Coitada - dizia mãe, e eu procurava consolá-la dizendo que se Ana Maria ficasse feliz o folhetim acabava" .
(9)

Recriando a emoção, apropriando-se do texto a partir de uma individualidade - vivendo como se fosse o personagem, sofrendo por ele e torcendo para a solução positiva de seus problemas - a leitora identifica-se com a história e transporta-se para ela, tentando recriá-la. O seu cotidiano habitual torna-se, a partir de sua inserção naquele ambiente de sonho, romanceado. Vendo-se como a heroína do romance imaginado, vivido como um simbolismo, sente pena de seus sofrimentos, alegra-se com seus sucessos, emociona-se com seus amores. A edição fantasiosa da emoção retira-a da sua realidade previsível.

A leitura emocionada é feita de outra forma. Sussurrada com as amigas, comentada, ainda que rapidamente e não em profundidade, com o filho, que vendo o texto de outra maneira, o retira do universo de sonho, inserindo-o na realidade. Para o menino, Ana Maria é uma personagem. Para a leitora, Ana Maria é, como ela, mulher. Mas não são apenas às leitoras de melhor poder aquisitivo que os veículos se dirigem. Mulheres pobres podem não apenas ler o jornal, como fazer dele o último meio para resolver suas agruras quotidianas.

Se, em parte o grande número de analfabetos restringe a difusão dos jornais, considerando-se não apenas o seu simbolismo, mas sobretudo a forma como são lidos, percebe-se que esses textos influenciam também os não letrados. Um texto nem sempre precisa ser lido. Ele pode e é ouvido. Portanto, mesmo os que não dominam a leitura são influenciados por essas mensagens, reapropriando-se delas de forma diferenciada.

Ao visualizar de maneira ampla o público, peculiar e diferenciado, de cada uma dessas publicações percebe-se igualmente que as construções emanadas variam de veículo para veículo não só em função da mensagem preferencial que divulgam, mas também em decorrência da expectativa que há por parte de leitores extremamente diversos. Se há, por um lado, identidades de conteúdo, por outro, há igualmente mensagens específicas destinadas a um público até então não considerado.

O diálogo entre duas esmolerias na porta da igreja, reproduzido na narrativa romaneada de João do Rio, destaca mais uma vez esse leitor peculiar. No caso duas mulheres, duplamente excluídas na configuração social existente na cidade.

"- Bom dia, D. Guilhermina.

- Bom dia, D. Antônia. Como vai dos seus incômodos?

- O reumatismo não me deixa. É desta laje fria.

- Que se há de fazer? É a vontade de Deus. Então, hoje, missas boas?

- Li no jornal: às nove e meia a do general...(grifo nosso). Mas, não contemos. Os ricos estão cada vez mais sovinas". (10)

Para essas mulheres, o jornal ou informa fatos que ajudariam a compor sua realidade cotidiana ou intermedia suas queixas e reclamações. Não tendo a quem apelar, se dirigir ou pedir, os leitores pobres vêem os periódicos como o intermediário possível entre o seu cotidiano de lutas e misérias e aqueles que têm poder suficiente para mudar a realidade.

Quando levanta a cabeça, olha em volta, D. Antônia dá uma outra significação, baseada na sua vivência, ao anúncio publicado sem maior relevo numa coluna fixa, existente em todos os diários. A informação de que haverá a missa do general, às nove horas, significa, para ela, que aquele dia não seria dos mais promissores. As missas de pessoas importantes remetem a uma idéia de pompas e circunstâncias, mas também de sovínice.

A narrativa de Lima Barreto, uma linguagem e ao mesmo tempo uma obra literária, se constitui, até em função dessa relação em ponto de partida e de chegada para o estudo da linguagem. Isolar o sentido de um texto num conjunto de

significações, se, ao mesmo tempo, fornece indicações preciosas para entender o significado do próprio texto, permite uma interpretação peculiar.

Como enfatiza Todorov, no discurso literário, como no do cotidiano, o sentido pode ser isolado de um conjunto de outros sentidos, aos quais se pode dar o nome de interpretação. Dessa forma, a interpretação depende não apenas das relações que se estabelecem entre o autor e a obra, mas da própria significação do texto no sistema onde ele está incluído. Assim, em todo enunciado pode-se isolar, de um lado, um ato de locutor - o arranjo lingüístico - e, de outro, a evocação de uma certa realidade, cuja existência é conferida pelo próprio enunciado.

Essa relação dos leitores com os jornais mostra o caráter significativo das mensagens que veiculam. Em princípio, um texto escrito é dirigido a um leitor desconhecido e universal. Mas a obra cria o seu público, alargando o seu círculo de atuação e iniciando novos modos de comunicação. Ao estabelecer esse contato, o leitor deixa claro que um auditório está sendo formado.

O texto abre-se a um número indefinido de leitores e, por conseguinte, de interpretações, que dependem em grande parte da forma como é apreendido. Enquanto o texto impresso atinge o leitor no ambiente solitário, longe da sociabilidade peculiar que a leitura em voz alta permite, o transmitido pela voz indica a presença próxima de um outrem que influencia na compreensão daquela mensagem.

O que é lido, é muitas vezes, oralmente, transmitido a outros. E, mais uma vez, indiretamente, alarga-se os leitores, através da oralidade. O texto transmitido pelos jornais é, assim, também um discurso falado, cuja força de locução e de compreensão depende não apenas dos aspectos articulados do discurso, mas da mímica, dos gestos, de elementos não articulados, aquilo que alguns autores chamam prosódia .(11)

Embora mais eventuais, vez por outra aparecem referências esporádicas aos jovens como leitores. E o conteúdo dessas publicações procura despertar também o interesse desse leitor do futuro.

O Paiz cria, em 1907, uma seção denominada "O Paiz das Crianças", onde além de diversos jogos de entretenimento, promove concursos, dando como prêmio "cycle e bonecas". Um ano antes, abre espaço aos domingos "para a publicação de artigos, contos, poesias, fantasias que os seus jovens leitores lhe enviassem". No carnaval, promove outro concurso, dando prêmios às crianças melhores fantasiadas, e que obtém ampla repercussão Mas como estas crianças, esses jovens e adolescentes lêem? Como tomam conhecimento dessas mensagens, como essas informações são transmitidas em sinais impressos?

Seja através da informação recebida pela leitura em voz alta, em torno da família, seja através de trechos que recolhem, aqui e ali, ainda que eventuais, essas leituras também são realizadas. Como Rubem Braga, os mais ou menos jovens podem se interessar por ler, eventualmente, trechos dos folhetins, tiras de entretenimento, que vez por outra aparecem nas publicações.

Na sua complexa teorização, Paul Ricouer afirma que a escrita é a plena manifestação do discurso. Entendendo discurso como evento ou proposição, onde a função predicativa e de identificação convivem numa mesma frase, Ricouer insere na sua discussão a idéia de abstração, inerente mesmo à noção de discurso, e, portanto, dependente da unidade dialética de evento e significação. Para ele, se todo discurso se atualiza como evento, todo o discurso é compreendido como significação. (12)

É porque esta dialética do evento e da significação se torna óbvia e explícita na escrita que esta se transforma na plena manifestação do discurso. O que escrevemos, diz Ricouer, não é o evento enquanto evento, mas a significação do evento lingüístico. Assim como no discurso falado, a significação é diretamente dependente da mímica, dos gestos e de outros aspectos não articulados do discurso, na escrita a significação está diretamente vinculada ao receptor da mensagem. A forma é também fundamental para esta significação.

Ao narrar o seu texto sob a forma de crônica, João do Rio torna possível a ele mesmo, enquanto construtor de mensagens, apresentar a situação vivenciada como real, ao mesmo tempo em que externa opiniões, juízos de valor sobre o acontecimento que se antepôs a sua narrativa.

Mas, certamente para o leitor de hoje, essa crônica possui significações peculiares geradas pela distância temporal entre o escritor e o receptor da mensagem. A não existência de situações comuns; as ausências das marcas externas da voz, da face, do corpo do cronista como construtora daquele tempo e daquele lugar - a redação do jornal; e a própria autonomia semântica do texto, que o separa do escritor e o coloca no âmbito de leitores inteiramente desconhecidos do futuro - como os que relêem esse texto já de segunda ordem, transcrito por um outro narrador -, tudo isso altera a significação do texto.

Recuperando-se o tempo e o espaço da descrição contidos na narrativa é possível inserir uma marca distintiva, apreendendo a sua referência ostensiva, inserindo o leitor na trama, como se partilhasse dela, graças a procedimentos de uma identificação singular. A pluralidade de significações, construída na rede espacial e temporal, faz com esse possa pertencer ao escritor e ao leitor de ontem ou ao de hoje. A escrita liberta o texto do próprio autor, recolocando-o no lugar de sua significação. O

que importa agora não é mais o que o autor quis dizer, mas a significação explícita contida no seu dizer .(13)

Assim, pode-se entender ainda hoje que produzindo textos - discurso escrito e trabalhado - os jovens leitores passam de uma categoria a outra: de leitores a produtores de mensagens. E isso só ocorre porque a leitura evoca sobretudo uma produção: a leitura é condutora do desejo de escrever. Ao passar para o lado do discurso escrito, também se inserem numa realidade que não é sua, pelo menos aos olhos do cronista João do Rio, na significação que o texto readquire a partir de uma nova leitura.

Para aqueles jovens a leitura é a possibilidade de produzir algo escrito, tornando-se, ainda que por imitação, jornalistas e tendo, embora limitada, toda a notoriedade que envolve a profissão. A leitura não é a inserção em mundo real, mas a possibilidade de transpor e criar uma nova realidade: igualmente de sonho.

Se a dificuldade em recuperar essa leitura e esses leitores é, ao mesmo tempo, grandiosa e desafiadora, quando se refere aos grupos marginalizados na sociedade torna-se ainda mais evidente. Os "excluídos da história" são também leitores.

Recuperar sua leitura é quase impossível, não porque não tenham história, mas por que a memória criada e forjada desse tempo não contempla a voz dos mais anônimos. Acrescente-se a isso o fato de fazerem, a maioria das vezes, uma leitura de segunda mão, que é descrita, evidentemente, por aqueles que efetivamente a realizam.

Em torno dos ambientes de trabalho, nas horas vagas do dia, leitores anônimos lêem, em voz alta "a fúria informativa" dos periódicos. Recostados em um canto, podem também ler silenciosamente este mesmo jornal.

"Era costume do carregador Domingos Paranhos Lorenzo, espanhol de 28 anos, ir ler o jornal, montado no tablado, enquanto os operários trabalhavam lá em cima. Cerca de 11 horas da manhã, tendo-se ele munido do seu jornal foi para o local predileto saborear as sensações do noticiário. O pobre homem mal sabia que estava fazendo a sua última leitura. De fato, quando mais absorto ele estava na leitura, desprendeuse do andaime uma grossa e pesadíssima tábua que veio de revés bater-lhe violentamente na nuca, jogando-o no chão, para a frente, com o crânio fendido, morto instantaneamente" . (14)

A leitura é feita no local de trabalho, nas horas vagas, quando envolvido pelas descrições dos noticiários sensacionalistas, apropria-se do texto, recriando-o de tal forma que se distancia da realidade. Como estaria Domingos Paranhos Lorenzo entendendo os sinais daquelas páginas?

Cabe aos jornais incentivar essa prática, criando estratégias para aumentar a sua audiência. Além da distribuição de prêmios periódicos - alguns vultosos, como por exemplo, o sorteio de automóveis, máquinas de costura, relógios de bolso ou até mesmo a possibilidade de ser contemplado com uma casa, além de outros menos expressivos como a distribuição de Atlas, romances, almanaques, etc.(15) - são capazes de oferecer "gratuitamente" um seguro de vida a quem provar que no momento do sinistro estava de posse de um jornal.

Isso é o que faz, por exemplo, O Paiz em 1906. O que chama a atenção não é somente a estratégia, comum nos jornais de então, mas, sobretudo, os vencedores da iniciativa.

A primeira a ganhar o prêmio, no valor de 1 milhão de contos de réis - preço da apólice ao portador da Equitativa Seguradora publicada no jornal - é a viúva de um pedreiro, que caiu de um andaime do prédio em que trabalhava, pai de cinco filhos e morador no Morro do Castelo. No dia seguinte, em que fica provado que no momento da queda o leitor carregava um exemplar de O Paiz, publica, na página 3, a foto da viúva - que "sabia ser o marido leitor fiel do jornal e que o trazia consigo no dia do desastre" - e de seus filhos à porta do casebre de taipa miserável em que vivem .(16)

A literatura de época mostra também o quanto esses veículos estão próximos dos excluídos. Os leitores podem estar, até mesmo, nos hospícios.

No seu Diário do Hospício são incontáveis às referências de Lima Barreto ao hábito de leitura de jornais no Hospital dos Alienados. Ele mesmo os lê com "relativa minúcia". E acrescenta: "até os crimes de repercussão eu leio". Mais adiante refere-se a um militar que gosta de conversar cousas superiores. Embora fosse "francamente e permanentemente doido, não lê coisa alguma, a não ser a Gazeta de Notícias, de cabo a rabo".

Descrevendo a sua própria leitura, o escritor mostra, como para fugir daquela realidade, concentra a sua atenção nas letras impressas. Para se distanciar da conversa que o "arrastava de novo a pensamentos agoureiros" força a atenção nos periódicos. "Lí-os com cuidado, li seções que, normalmente, desprezava, mas não findei a leitura. Misael chamou-me para o jantar". O texto leva-o a construir não só uma outra leitura, como o transporta para outro lugar. As ambiências descritas são como que recriadas, inserido-se ele mesmo naquela descrição, transformando-se, dessa forma, o texto aprisionado pela sua leitura, numa vivência particular.

A reflexão sobre a leitura - ou seja, a apreensão de um sentido particular do texto indubitavelmente ligado ao leitor - aparece explicitamente no mesmo livro. Em outro trecho, um engenheiro, que num acesso de loucura matara a mulher e um filho,

"lia o dia inteiro o jornal". "Vivia na biblioteca, lendo o jornal e fazendo em voz alta, de quando em quando, uma reflexão sobre a leitura" . (17)

João do Rio também descreve, com detalhes, a algazarra que se forma na Casa de Detenção à passagem do repórter, quando os condenados balançam no ar as folhas diárias, querendo provar inocência. Para o cronista, a imprensa é uma das três idéias gerais da Detenção. Uma idéia, segundo ele, "quase obsessiva". "Há os que têm medo de desprezá-la, há os que fingem desprezá-la, há os que a esperam aflitos. O jornal é a história diária da outra vida, cheia de sol e de liberdade, é o meio pelo qual sabem da prisão dos inimigos, do que pensa o mundo a seu respeito. Não há cubículos sem jornais" .(18)

Além de espelhar uma idéia de temor, que evoca a problemática do poder, o jornal, na composição montada, é, para o leitor, a inserção na realidade, na vida cotidiana diária, longe das grades da prisão. É o meio pelo qual se colocam em contato com o mundo. Daí a presença constante dos periódicos em todos os cubículos. A leitura para esses dois grupos - os loucos e os prisioneiros - tem, portanto, significações opostas. Enquanto para os primeiros ler pode representar a fuga de um presente indesejável e a inclusão num mundo de normalidade, para os segundos visualizar a cidade, os fatos da atualidade e o mundo indica uma fuga, momentânea, do universo de restrições em que se encontram. Para os prisioneiros, entretanto, o jornal é mais: a possibilidade de mudar a sua realidade.

Percebida dessa forma, evidentemente que essa leitura tem significações peculiares e, ao mesmo tempo, plurais, em função mesmo de realidades individuais: ler os crimes de sensação evoca uma recordação do passado, a identificação de rostos conhecidos; ler sobre as mudanças que se operam no mundo lá fora faz visualizar a realidade, sentindo-se ao mesmo tempo, ainda que pela leitura, parte desse mundo. Certamente não é a polêmica que interessa a esse leitor. Pode também, como o missivista de Coelho Neto, querer tão somente se emocionar, amenizar a sua dor e a sua mágoa com histórias semelhantes recontadas diariamente.

O fato de existir em 1890, na cidade, 40,2% de analfabetos numa população de 522.651 habitantes, ou de apenas 59,8% de alfabetizados numa população de 818.113 habitantes, em 1906, não faz supor, por antecipação, o pouco poder de difusão e penetração desses periódicos . As tiragens dos jornais revelam de antemão a sua importância, ainda mais quando se sabe que essas mensagens multiplicam-se pela difusão oral .(19)

A leitura desses diários tem para os leitores significações que decorrem não apenas da leitura, mas da forma como esses sujeitos históricos se colocam no mundo.

Um trabalhador no umbral da porta; um carregador sobre um tablado no ambiente de trabalho; uma leitora na poltrona de sua casa, solitária; um menino que recorta e vez por outra lê trechos dos folhetins; um interno de um hospício no seu delírio cotidiano; um presidiário para quem os jornais provam a inocência, cada um deles possui uma leitura particular. Cada um deles - leitores potenciais dos periódicos - entende de forma diferenciada os sinais daquelas páginas. Cada um deles se apropria do texto, construindo leituras diversas, no momento em que levanta a cabeça, olha ao redor ou simplesmente foge da sua realidade mergulhando naquele universo particular.

NOTAS

(1)Carta de Hidelbrando Mello Pedra a Coelho Neto, s.d., op. cit., 1958, p. 346-7. Fizemos questão de manter a grafia com todos os erros ortográficos encontrados no original.

(2)Barthes, **O rumor da língua**. Lisboa: Edições Setenta, 1987, p. 27-29.

(3)Darnton, "História da leitura". In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história - novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 218.

(4)Barreto. **Vida e morte de Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro: Ediouro, s. d., p. 34.

(5)Rio, João do. "Os trabalhadores de estiva". In: **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1987, p. 107.

(6)Cardim, op. cit., 1978, p. 121.

(7)Ibidem, p. 10-11.

(8)"Concurso especial para moças". In: **O Paiz**, 3 abr. 1906, p. 2 e 4.

(9)BRAGA, Rubem. "Porque sempre simpatizei com o Jornal do Commercio". In: **Jornal do Commercio**, op. cit., 1977, p. 8.

(10)Rio, "As mulheres mendigas". In: op. cit., 1987, p. 127.

(11)Ricoeur, **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, s.d., p. 38-39.

(12)Ricoeur. op. cit., passim. Para Ricoeur os gêneros literários nada mais são do que expedientes generativos para produzir o discurso. Antes de serem classificatórios, são para o discurso regras técnicas que presidem a sua produção e o estilo de uma obra. O que distingue o pensamento de Ricoeur de outras análises semio-linguísticas, é o fato de que para ele toda a explicação se enraiza uma compreensão prévia ou experiência de mundo, onde fica visível a familiaridade com a prática linguística da poesia ou da narração. Cf. também **A metáfora viva**. Porto: Editora Rés, 1983.

(13)É mais uma vez Paul Ricoeur que trabalha com essa noção de "autonomia semântica". A inscrição do texto num código torna-se, segundo ele, sinônimo de autonomia semântica,

resultando numa desconexão da intenção mental do autor em relação ao significado verbal, ou seja, do que o autor quis dizer ao que o texto significa. A significação, no momento de apreensão do texto, interessa mais do que o que o autor quis dizer quando o escreveu.

(14)"Morreu lendo o jornal". In: **Gazeta de Notícias**, 5 jan. 1907, p. 3.

(15)Em 8 de abril de 1906, O Paiz lançaria o seu "Concurso da moda", distribuindo 250\$000 em prêmios semanais, a quem fosse sorteado entre os que enviassem a resposta em um cupom impresso no próprio jornal. Em 1 de janeiro do ano seguinte, realizou o sorteio do Prêmio de Ano Bom: um automóvel. A assinatura da folha daria direito ao "recebimento diário, ao sorteio de Natal, em que serão distribuídos 400 relógios de algibeira e ao Automóvel". **O Paiz**, 8 abr. 1906, p. 1 e 1 out. 1906, p. 3.

(16)**O Paiz**, 19 abr. 1906, p. 1 e 3. No mês seguinte, pagam o segundo seguro ao irmão de Lourenço Bento Cardoso, vítima de um desastre em Santa Cruz. O leitor é "um pobre operário que vivia de seu honrado trabalho num estado de pobreza de que dá idéia perfeita a casa em que morava". A foto, onde a viúva, uma preta velha, está à porta de uma casa de pau à pique, dá a dimensão exata do que o jornal diz. **O Paiz**, 19 mai.1906, p. 1 e 3.

(17)Barreto, **Diário do hospício**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, passim

(18)Rio, op. cit., 1987, p. 161-162.

(19)BRASIL. Ministério da Agricultura e Indústria. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brasil realizado em 1 set. 1920**; introdução, resumo histórico dos inquéritos censitários realizados no Brasil. Rio de Janeiro, 1922, vol. 1.